

1. Introdução

As pessoas que se identificam como bissexuais frequentemente sofrem discriminações de pessoas que se identificam como heterossexuais e das que se identificam como homossexuais por não se enquadrarem dentro das categorias binárias normativas da sexualidade: ou heterossexual, ou homossexual (Udis-Kessler 1991; Ochs e Deihl 1992; Garber 1995; Mengel 2009). Interessantemente, as identidades bissexuais (e outras identidades sexuais fluidas) também são pouco aceitas pelos movimentos LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais), apesar de serem, teoricamente, incluídas pela letra “B” na sigla e, portanto, supostamente, representadas nos movimentos de ativismo político (Storr 1999; Facchini 2008, 2009). Adicionalmente, a bissexualidade tende a ser mencionada só superficialmente nos trabalhos acadêmicos, sendo normalmente subsumida às identidades homossexuais (Angelides 2001, 2006; Baker 2008). Visando a preencher as lacunas na academia, aumentar a visibilidade das pessoas que se identificam como bissexuais e combater as discriminações dentro dos movimentos LGBT, a presente pesquisa analisa as construções identitárias performativo-discursivas de três ativistas LGBT que se identificam como bissexuais. O foco analítico se concentra sobre tais construções identitárias em narrativas sobre o processo de sair do armário e em narrativas e falas sobre a bifobia (Udis-Kessler 1991; Ochs e Deihl 1992; Garber 1995) – estereótipos, preconceitos e discriminações contra pessoas que se identificam como bissexuais.

1.1 Dados e abordagens

Os dados analisados foram gerados em um campo etnográfico realizado com o Grupo Arco-Íris (GAI), uma associação de conscientização e ativismo LGBT do Rio de Janeiro. Os dados principais consistem em três entrevistas individuais com três jovens ativistas que se identificam como mulheres bissexuais: “Olímpia” (17 anos), “Nádia” (21 anos) e “Flávia” (31 anos). Concentrei-me sobre mulheres por duas razões: primeiro, porque várias reuniões no Grupo Arco-Íris são divididas por identidade de gênero, então, como mulher, eu conseguia fazer mais observações etnográficas sobre as mulheres, e segundo,

porque não encontrei homens no grupo que se identificassem como bissexuais¹. Os dados dessas entrevistas são complementados por vinte e dois meses de observações etnográficas feitas principalmente durante discussões no prédio do grupo, mas também durante atividades de ativismo (participação em paradas como a Parada de Orgulho LGBT e a Caminhada da Visibilidade Lésbica, manifestações contra a homofobia, etc.), conscientização, socialização, etc. dentro da sede e em outras partes da cidade, e por contextualizações históricas sobre as mudanças no grupo, coletadas através de uma pesquisa de documentação sobre a história do grupo e entrevistas de história oral (Thompson 1978; Perks e Thomson 1998) com seus membros.

A presente pesquisa imbrica os campos da Linguística Aplicada (Moita Lopes 1998, 2006, 2009a; Signorini 1998; Cook 2003; Fabrício 2006; Paiva 2009), Linguística *Queer* (Livia e Hall 1997) e Antropologia (Geertz 1988; Marcus 1995; Copans 1998), os olhares da Teoria *Queer* (Butler 1990, 1993) e das Epistemologias Bissexuais (Udis-Kessler 1991, 1995; Däumer 1992; Eadie 1993; Garber 1995; Ault 1996; Prabhudas 1996; Pramaggiore 1996), a abordagem da Análise das Narrativas (Labov 1972; Linde 1993; Riessman 1993; Bastos 2005) e o arcabouço teórico-analítico das Táticas de Intersubjetividade (Bucholtz e Hall 2003, 2004, 2005), incorporando também contextualizações etnográfico-históricas. É importante notar que esses fundamentos teórico-metodológicos estão sempre entrelaçados nesta pesquisa; não são aplicados separadamente em momentos distintos da investigação. Foram escolhidos cuidadosamente para forjar uma “coligação anti-hegemônica” de saberes (Moita Lopes 2006: 86-87) adapta para a temática estudada. Moita Lopes propõe uma Linguística Aplicada *transdisciplinar* que tenta “*criar inteligibilidade sobre problemas sociais em que a linguagem tem um papel central*” (Moita Lopes 2006: 14, grifos no texto fonte), vinculando o trabalho a epistemologias e teorizações relevantes para o mundo atual, e construir “alternativas para o presente” com relação a esses problemas (Moita Lopes 2009: 34).

¹ Como veremos mais adiante, encontrei poucas mulheres que se identificam como bissexuais (e menos que se rotulam publicamente como bissexuais) dentro do Grupo Arco-Íris. Dado que realizei a maioria do trabalho etnográfico com um subgrupo dentro do GAI exclusivamente composto por mulheres, não posso oferecer explicações pela falta de participação de homens que se identificam como bissexuais, além de presumir que, como no caso das mulheres, haja alguns homens que se identificam como bissexuais, mas que não se rotulam publicamente dessa maneira.

Em consonância com essa visão, um aspecto importante da geração dos dados e da análise é o compromisso ético e de ação política com as agentes² entrevistadas: levar-lhes os resultados da análise para propor alternativas em diálogo com elas (Rajagopalan 2003), a fim de melhorar a situação marginalizada das pessoas que se identificam como bissexuais dentro do movimento LGBT. Consoante Moita Lopes (2006), o que deve ser evitado pelos/as linguistas aplicados/as na construção de tais alternativas e ações políticas é o sofrimento humano, particularmente para as pessoas marginalizadas (ver também Sousa Santos 2008). Dessa maneira, as entrevistas, o campo etnográfico, as contextualizações histórias e as análises da presente pesquisa “envolve[m] interesse e respeito pela voz do outro” (Moita Lopes 1998: 104), querendo evitar provocar sofrimento para os membros do grupo através da imposição de “soluções” que não dão conta de suas preocupações, seus conhecimentos situados, suas necessidades, suas práticas situadas, o percurso histórico do grupo do qual participam, etc. Por causa dessa imbricação entre vários campos e abordagens, os fins de ação política e o compromisso de fazer pesquisa *com* os membros do Grupo Arco-Íris, gerando dados no contexto da aplicação, se considera esta pesquisa como *transdisciplinar* (Moita Lopes 1998; Signorini 1998).

1.2 O posicionamento teórico da pesquisa: identidades e sexualidades

Esta pesquisa tem como ponto de partida duas ideias inter-relacionadas: primeiro, a visão da Teoria *Queer* (Butler 1990, 1993) de que as identidades não são expressões de alguma essência fixa interna, mas são dinâmicas e co-construídas discursivo-performativamente na linguagem e nas interações e, segundo, a perspectiva de que as categorias da sexualidade que usamos (heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade, etc.) não são fatos naturais, mas são sócio-histórico-culturalmente construídas.

Consoante Butler (1990, 1993), as identidades de gênero e sexualidade não são expressões de alguma propriedade essencial do corpo ou da mente; são constituídas no decorrer do tempo através de o que uma pessoa faz e diz

² Uso “agente” em vez de “participante”, “informante”, “sujeito”, etc. para sublinhar a capacidade de ação (agentividade, agência ou *agency*) da pessoa entrevistada.

repetidamente e, assim, assumem uma aparência de “naturalidade”. Podemos dizer que o gênero e a sexualidade são performativos: produzem o que nomeiam. Porém, estas performances discursivas repetidas são limitadas dentro de um sistema de restrições sociais. Esse sistema é a matriz heteronormativa, que exige que o sexo e o gênero de uma pessoa se alinhem e que essa pessoa sinta desejo sexual e afetividade por pessoas do sexo/gênero “oposto” e pela qual são marginalizadas as pessoas que não se alinham dessa maneira (Butler 1990, 1993). Porém, dentro do movimento LGBT frequentemente funciona outro sistema de restrições sociais: uma matriz homonormativa que exige que as pessoas expressem desejo sexual e afetividade por pessoas do “mesmo” sexo/gênero e marginaliza as que não se encaixem nesse perfil. Destarte, o binário heterossexual/homossexual é reforçado e as pessoas que se identificam³ como bissexuais são excluídas. Nesta pesquisa, ao estudar como essas pessoas constroem suas identidades bissexuais *vis-à-vis* essas restrições no movimento LGBT, podemos ver como lidam com elas e com os preconceitos a elas relacionados. Esta análise nos ajudará a propor estratégias para combater a marginalização da bissexualidade e os problemas de discriminações.

É importante lembrar também que a bissexualidade e outras classificações da sexualidade “não simplesmente descrevem a existência, mas a constituem em maneiras histórica e culturalmente específicas” (Sullivan 2003: 2). Ou seja, essas categorias também são performativas: têm o poder de produzir o que nomeiam (Butler 1990), e refletem certas épocas e culturas. Na nossa época, as sexualidades são definidas com base no sexo/gênero do objeto de desejo – os/as heterossexuais desejam o sexo/gênero “oposto”, os/as homossexuais desejam pessoas do “mesmo” sexo/gênero e os/as bissexuais (se/quando reconhecidos/as) sentem desejo por “ambos” os sexos/gêneros. As categorias “heterossexual” e “homossexual” têm se tornado os dois grandes eixos e, por causa da insistência nesse binário, as pessoas que se identificam como bissexuais (e qualquer pessoa

³ O/a leitor/a terá observado que descrevo as performances identitárias usando a frase “pessoas que se identificam como bissexuais” (ou homossexuais, ou heterossexuais, etc.), em vez de dizer simplesmente “pessoas bissexuais” (ou homossexuais, etc.). Gostaria de esclarecer que isso é feito para frisar a visão não-essencialista das identidades. Espero que os/as leitores/as entendam essa escolha político-epistemológica e me perdoem a estrutura mais pesada das frases. Similarmente, digo sempre “o/a leitor/a”, “os/as ativistas”, etc. Embora o uso de “o/a” não desestabilize a visão binária do gênero, me parecia preferível ao apagamento das mulheres com o uso do masculino genérico.

que não se encaixe em um dos lados dos extremos), frequentemente sofrem discriminações. A desconstrução da oposição presumida entre homossexualidade e heterossexualidade é importante porque nos permite “começar a imaginar modos alternativos de pensar e viver” (Sullivan 2003: 51). Como observa Sedgwick, todas as categorias de sexualidade que usamos hoje em dia são inadequadas porque “a sexualidade se estende em tantas dimensões que não podem, de modo algum, ser bem descritas em termos do gênero do objeto escolhido” (1990: 35; ver também Bornstein [1994] 1995). Nesta pesquisa, examinar como as agentes desestabilizam e/ou (re)produzem a definição da sexualidade com base no sexo/gênero do objeto do desejo nos ajudará a formular propostas para desconstruir esta visão atual da sexualidade e fomentar a “aceitação”⁴ da diversidade sexual em geral dentro do movimento LGBT. Ou seja, exploraremos o que as construções identitárias bissexuais podem *fazer* para mudar as concepções da sexualidade e criar um mundo mais vivível para qualquer performance e/ou identificação (ou não-identificação) de sexualidade.

1.3 Perguntas de pesquisa e objetivos

As narrativas sobre o processo de sair do armário e as narrativas e falas sobre estereótipos, preconceitos e discriminações foram escolhidos como o foco da análise por duas razões principais. Primeiro, as narrativas em geral estão “entre os mais importantes recursos sociais para criar e manter a identidade pessoal” (Linde 1993: 98), e as narrativas sobre o processo de sair do armário são fontes particularmente ricas de construções identitárias sobre a sexualidade (Liang 1997; Wood 1997; Morrish e Sauntson 2007). As narrativas nos oferecem uma oportunidade excepcional para estudar as relações entre discursos, identidades e sociedades (Fabrício e Bastos 2009). O estudo das construções identitárias *vis-à-vis* estereótipos, preconceitos e discriminações nos dá a oportunidade de ver quais estratégias discursivo-performativas são empregadas pelos/as falantes para lidar com esses problemas. Essas estratégias podem ser

⁴ Nesta pesquisa, faço uma distinção entre “aceitação” e “tolerância”. A meu ver, “tolerância” significa o fato de aguentar algo que não se quer. Por “aceitação”, por outro lado, entendo o fato de receber algo abertamente, sem receios ou preconceitos. Em minha opinião, uma vez que certos preconceitos são desconstruídos é possível mudar opiniões e ir da tolerância em direção à aceitação.

analisadas para propor maneiras de combater (discursivamente) tais discriminações.

De forma abrangente, duas perguntas principais nortearão esta pesquisa:

1. Como as ativistas que se identificam como bissexuais constroem performativo-discursivamente suas identidades?
2. Quais são os preconceitos e as discriminações relacionados às performances identitárias bissexuais e como as ativistas que se identificam como bissexuais lidam com eles nas suas construções identitárias?

As seguintes sub-perguntas serão aplicadas às duas perguntas principais:

- a. Quais recursos linguísticos e paralinguísticos e táticas de intersubjetividade (Bucholtz e Hall 2003, 2004, 2005) são usados nas construções identitárias?
- b. Essas performances discursivas subvertem ou reforçam...
 - i. ...uma visão essencialista das identidades?
 - ii. ...dualismos normativos como heterossexual/homossexual, homem/mulher, masculino/feminino e os estereótipos a eles relacionados?
 - iii. ...a definição das sexualidades com base no sexo/gênero do objeto de desejo?

O objetivo desta pesquisa é, sob os olhares da Teoria *Queer* (Butler 1990, 1993) e das Epistemologias Bissexuais (Udis-Kessler 1991, 1995; Däumer 1992; Eadie 1993; Garber 1995; Ault 1996; Prabhudas 1996 e Pramaggiore 1996), estudar como as ativistas entrevistadas constroem discursivo-performativamente suas identidades de bissexuais em narrativas sobre o processo de sair do armário e *vis-à-vis* preconceitos e discriminações a fim de propor estratégias para fomentar a aceitação das performances identitárias bissexuais dentro do Grupo Arco-Íris e do movimento LGBT em geral. Concentrando-nos sobre como suas performances discursivas subvertem ou reforçam a matriz heteronormativa de inteligibilidade (incluindo dualismos como heterossexual/homossexual e a definição das sexualidades com base no sexo/gênero do objeto de desejo), poderemos ver quais temas e visões da sexualidade devem ser desconstruídos

com os/as ativistas do Grupo Arco-Íris para combater a tendência de reforçar o binário heterossexual/homossexual e excluir a bissexualidade e outras formas da diversidade sexual. Isso pode ser visto como uma “política bissexual” cujo trabalho, consoante Eadie, “se trata tanto de desmontar todo o aparato que mantém a díade heterossexual/homossexual quanto criar um terceiro termo para adicionar a ele” ([1993] 1999: 122). Aqui, a bissexualidade serve o propósito de ser o ponto de partida para desconstruir o binário heterossexual/homossexual excludente que opera no movimento LGBT e construir outros modos de pensar a sexualidade humana para além desse binário, assim abrindo espaço no movimento LGBT para a diversidade sexual.

1.4 Justificativa e relevância da pesquisa

Esta investigação tem uma relevância tanto de ordem teórico-acadêmica quanto de ordem social. Em relação à ordem teórico-acadêmica, embora haja mais trabalhos sobre a bissexualidade do que é geralmente reconhecido (ver Storr 1999), isso não muda o fato de o número de trabalhos sobre a bissexualidade ser muito menor do que o número de trabalhos sobre a homossexualidade, a transexualidade e a travestilidade. Nos próprios Estudos LGBT e Estudos *Queer*, a bissexualidade é geralmente mencionada só como parte de uma lista (“gays, lésbicas, bissexuais, transexuais...”) ou subordinada à homossexualidade em frases como “gays e bissexuais” ou “lésbicas e mulheres bissexuais” (ver Baker 2008), mas não examinada, questionada e problematizada profundamente. Angelides é crítico dessa falta de estudos profundos sobre a bissexualidade nos Estudos *Queer*, observando que “ignorar o papel que a categoria da bissexualidade tem tido na formação da estrutura hetero/homossexual, o projeto da desconstrução *queer* não tem alcançado, em modos importantes, seus objetivos” (2006: 126). De modo semelhante, a falta de estudos *queer* sobre a bissexualidade tem reforçado o binário heterossexual/homossexual que a Teoria *Queer* supostamente pretende desestabilizar.

Adicionalmente, dado que muitas investigações sobre a bissexualidade têm se concentrado sobre as relações não-monogâmicas, a pesquisa sobre a bissexualidade tem aumentado a força dos estereótipos e preconceitos contra as pessoas que se identificam como bissexuais (ver Breno e Galupo 2009). Tais preconceitos resultam na estigmatização e marginalização das pessoas que se

identificam como bissexuais dentro dos movimentos LGBT; porém, os estudos sobre a marginalização de certas performances identitárias dentro dos movimentos LGBT geralmente se concentram sobre os indivíduos transgêneros e transexuais e sobre os/as ativistas de cor e de classes trabalhadoras (ver, por exemplo, Kirsch 2000). Esta pesquisa visa a preencher (pelo menos parcialmente) tais lacunas teórico-acadêmicas.

Os problemas de estigmatização e marginalização mencionados no parágrafo anterior nos levam à relevância social desta pesquisa. As pessoas que se identificam como bissexuais frequentemente sofrem dificuldades de preconceitos e discriminações dentro do movimento LGBT. Ao estudar como essas pessoas constroem suas identidades e lidam com preconceitos, espera-se ajudar a melhorar a sua situação. Cook observa: “a linguística aplicada não é simplesmente uma questão de unir descobertas sobre a linguagem com problemas pré-existentes, mas de usar essas descobertas para explorar como a percepção desses problemas poderia ser mudada” (2003: 10). Dessa maneira, como mencionamos, as descobertas desta pesquisa serão levadas de volta às ativistas entrevistadas para refletirmos juntas sobre como desconstruir as noções atuais das sexualidades e mudar sua situação estigmatizada e marginalizada dentro do Grupo Arco-Íris e do movimento LGBT. Espera-se que isso seja um benefício não somente para os/as ativistas que se identificam como bissexuais, mas para qualquer ativista que faça uma performance identitária que não se encaixe nitidamente dentro das categorias identitárias prevalentes e para a coesão do movimento LGBT como um todo. Por causa dessa relevância teórico-acadêmica e social, acredita-se que esta pesquisa pode trazer ganhos epistemológicos e práticos não só para os estudos da linguagem e as outras ciências sociais, mas também para o ativismo LGBT.

1.5 Organização da dissertação

Esta dissertação está estruturada em sete capítulos, sendo esta introdução o primeiro. No Capítulo 2, discutirei a construção sócio-histórico-cultural das sexualidades, concentrando-me na bissexualidade. A bissexualidade (como a homossexualidade e a heterossexualidade) como uma classificação da sexualidade e uma categoria identitária é uma invenção relativamente recente, apesar das “práticas bissexuais” terem existido durante toda a história da

humanidade. Este capítulo contempla as mudanças na visão do que hoje chamamos de “bissexualidade”, discutindo a etimologia da palavra “bissexual”, a história das “práticas bissexuais” e diversas teorizações modernas da bissexualidade. O objetivo do capítulo é de desconstruir e desnaturalizar a visão atual da bissexualidade para ir além da noção moderna da sexualidade definida com base no sexo/gênero do objeto de desejo e para propor visões alternativas das sexualidades para o presente. Ou seja, em vez de definir o que a bissexualidade *é*, serão estabelecidas as bases para explorar o que a bissexualidade pode *fazer*.

No Capítulo 3, serão discutidos alguns dos fundamentos teóricos desta pesquisa: a(s) Teoria(s) *Queer*, que busca(m) desconstruir, desnaturalizar e desestabilizar conceitos e binários normativizantes e marginalizantes, particularmente os de sexo, gênero e sexualidade, e as Epistemologias Bissexuais, que usam a bissexualidade como ponto de partida para desestabilizar o binário heterossexual/homossexual e para (re)pensar a diversidade da sexualidade humana. Na discussão da(s) Teoria(s) *Queer*, desenvolverei em particular as noções da performatividade e das performances identitárias de Butler (1990, 1993). Discutirei também como tentar conciliar a(s) Teoria(s) *Queer*, que evita(m) reforçar categorias rígidas de sexo, gênero e sexualidade, as Epistemologias Bissexuais, e a ação política LGBT, que tende a depender das políticas identitárias, mobilizando os/as ativistas através das suas identificações com certas categorias, para combater a bifobia (preconceitos e discriminações contra performances identitárias bissexuais) nos movimentos LGBT.

No Capítulo 4, serão discutidos os outros fundamentos teórico-metodológicos desta pesquisa e o campo etnográfico. Primeiro, será discutida a relação entre a Linguística Aplicada, os fins de ação política e os compromissos éticos desta pesquisa. Segundo, serão esclarecidas a Linguística *Queer* e as Táticas de Intersubjetividade, um arcabouço teórico-analítico usado para estudar as construções identitárias performativo-discursivas. Terceiro, discutirei a Análise das Narrativas, e relacionarei essa abordagem com considerações sobre o processo de sair do armário que são importantes para analisar narrativas sobre essa temática. Quarto, oferecerei uma descrição do campo etnográfico realizado no Grupo Arco-Íris, incluindo contextualizações históricas importantes para melhor compreender a situação das performances identitárias bissexuais dentro

do grupo hoje em dia. Finalmente, farei uma caracterização das três agentes entrevistadas e o contexto de cada entrevista.

No Capítulo 5 serão analisadas, em seções separadas, as narrativas sobre o processo de sair do armário de cada uma das três ativistas entrevistadas. Concentrar-me-ei em como a estrutura das narrativas reflete o processo sempre em andamento de sair do armário e nas táticas de intersubjetividade (Bucholtz e Hall 2003, 2004, 2005) empregadas nas construções identitárias discursivo-performativas. Em particular, veremos como as performances identitárias bissexuais são construídas como duradouras, o que isso implica e como a sexualidade é (ou não) definida com base no sexo/gênero do objeto do desejo.

No Capítulo 6 serão analisadas narrativas e discussões nas entrevistas que tratam de estereótipos, preconceitos e discriminações que afetam pessoas que se identificam como bissexuais, concentrando-me em como as três ativistas lidam com esses problemas através de suas construções identitárias. Na primeira seção, veremos como as três ativistas lidam com preconceitos relacionados ao apagamento da bissexualidade (a negação completa da existência da bissexualidade, a insistência em classificar os indivíduos ou como heterossexuais ou como homossexuais, e a ideia que a bissexualidade é somente uma fase transitória), particularmente através da construção de performances identitárias como duradouras e estáveis. Na segunda seção, veremos como lidam com preconceitos relacionados à super-sexualização das pessoas que se identificam como bissexuais (a suposta necessidade de relações poliamorosas com homens e mulheres para a satisfação sexual, a promiscuidade, a infidelidade inevitável e a necessidade do falo da parte das mulheres que se identificam como bissexuais), particularmente através da construção de suas performances identitárias bissexuais como monógamas ou seletivas que não precisam se relacionar sempre com homens e mulheres. Na última seção, discutiremos o processo de “assumir-se” como bissexual no movimento LGBT, particularmente o padrão duplo das pessoas que se identificam como bissexuais serem toleradas só se tiverem relações “homossexuais”, e como lidam com preconceitos e a homossexualidade presumida.

No Capítulo 7, elaborarei as considerações finais desta dissertação, em particular suas implicações para ativistas LGBT que se identificam como bissexuais. Em consonância com o compromisso ético de levar as descobertas da

pesquisa de volta às ativistas entrevistadas, prepararei algumas considerações preliminares para fomentar a aceitação da bissexualidade e da diversidade sexual em geral dentro do Grupo Arco-Íris e do movimento LGBT. É importante notar que esta investigação se insere em um projeto maior doutoral; portanto, como foi pactuado como parte do compromisso ético, as propostas preliminares da dissertação serão discutidas com os membros do Grupo Arco-Íris na próxima fase da pesquisa. No curso do doutorado, pretende-se analisar o processo de trabalharmos juntas para propor estratégias e atividades (grupos de discussão, formações, oficinas, etc.) para fomentar a aceitação da bissexualidade e da diversidade sexual em geral, assim como a realização dessas estratégias e atividades. A pesquisa foi desenhada desta maneira para poder, na dissertação, analisar detalhadamente e dedicar a atenção suficiente às construções identitárias nas entrevistas escolhidas, tentando compreender e dar conta das preocupações, das necessidades, dos conhecimentos situados, etc. das ativistas.